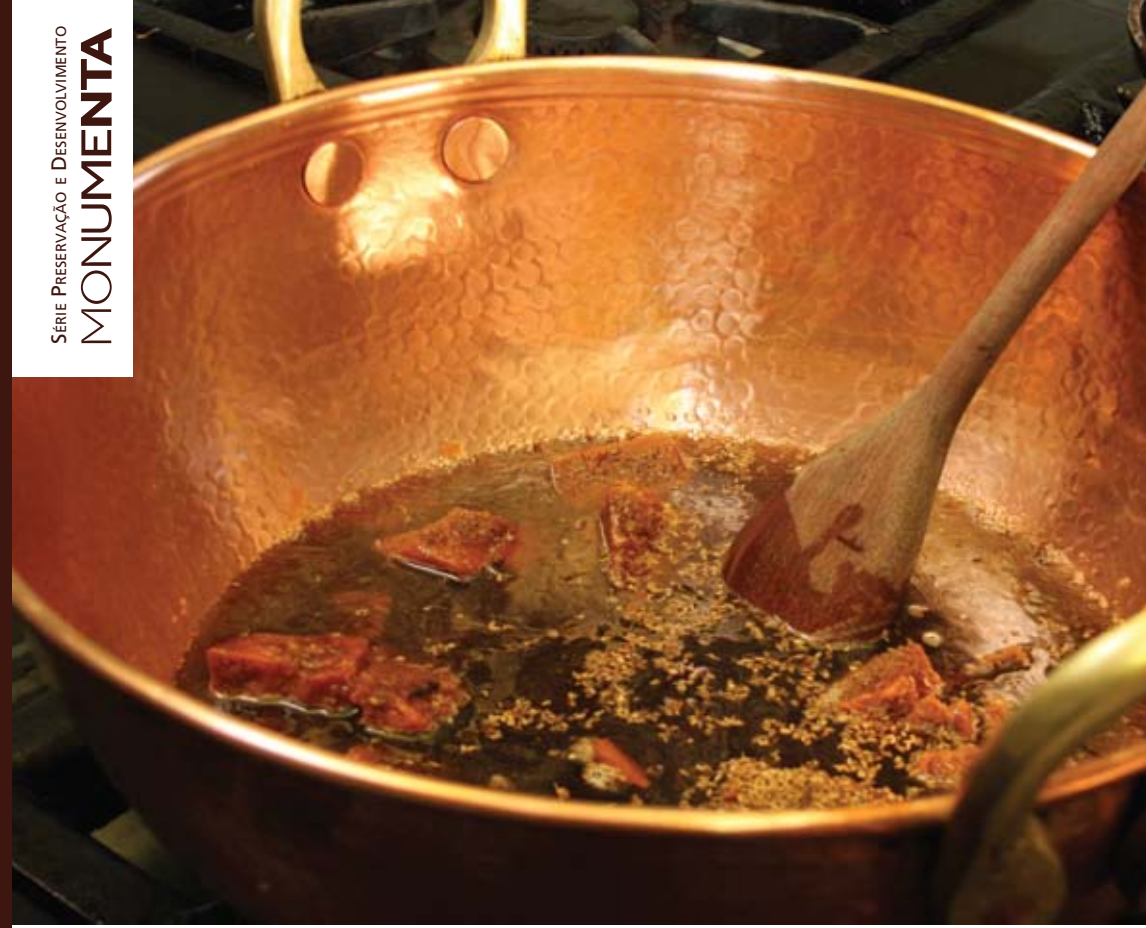


MONUMENTA IPHAN Ministério da Cultura BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

OS SABORES DE MARIANA - MARIANA

14

SÉRIE PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO MONUMENTA



# OS SABORES DE MARIANA

MARIANA - MG | 14

Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA



# OS SABORES DE MARIANA

MARIANA- MG | **14**

# Créditos

**Presidente da República do Brasil**
Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministro de Estado da Cultura**
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

**Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**
**Coordenador Nacional do Programa Monumenta**
Luiz Fernando de Almeida

**Coordenador Nacional Adjunto do Programa Monumenta**
Robson Antônio de Almeida

**Coordenação editorial**
Sylvia Maria Braga

**Edição**
Caroline Soudant

**Redação e pesquisa**
Rogério Furtado

**Revisão e preparação**
Denise Costa Felipe / Gilka Lemos

**Design**
Cristiane Dias

**Diagramação**
Fernando Horta

**Fotos**
Acervo Digital Museu da Música de Mariana, Caio Reisewitz, Carlos Café, Clotildes Avellar, Nabil Bonduki, Lorene Dutra, Maria Agripina Neves, Caetano Etrusco e Dalva Pereira

www.iphan.gov.br www.monumenta.gov.br www.cultura.gov.br

S117 Os sabores de Mariana – Mariana - MG
Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.
100 p.: il; 15 cm. (Preservação e Desenvolvimento ; 14)

ISBN 978-85-7334-122-5

1. Culinária – Mariana-MG. 2. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 3. Programa Monumenta. I. Série.

CDD 390

# OS SABORES DE MARIANA


CARTORIO

## Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em polos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

Algumas dessas experiências você vai conhecer agora.



## Introdução

Mariana, fundada em julho de 1696, no início do ciclo do ouro em Minas Gerais, é uma das cidades históricas mais importantes do Brasil. Além de monumentos do período colonial, o município guarda rico acervo de tradições e de manifestações culturais, formado no decorrer de pouco mais de 300 anos. No entanto, esse patrimônio imaterial só agora começa a ser conhecido e divulgado, como parte do esforço de Mariana para incrementar o turismo. Nesse sentido, a contribuição do Programa Monumenta tem sido decisiva. Primeiro com os investimentos que vem realizando em obras de recuperação de edificações, praças e ruas marianenses. E depois, com o financiamento de diversos projetos na área cultural.

O município tem, por exemplo, uma invejável tradição musical. Na sede e nos distritos há 11 bandas, verdadeiras escolas de música. Algumas são corporações fundadas no século 19. Entretanto, até pouco tempo atrás, os arquivos dessas entidades estavam desorganizados e mantidos em condições precárias. Partituras de antigos mestres poderiam desaparecer, assim como a história das bandas, gravada em fotografias, atas de reuniões e outros papéis. Com o objetivo de preservar a memória dessas sociedades musicais e estreitar seus laços com a comunidade, o Programa Monumenta patrocinou o projeto Para Ver a Banda Tocar.



Mariana tem ainda o Museu da Música, instituição de características únicas no Brasil, onde são guardadas as partituras de obras sacras do barroco mineiro e também de música profana dos séculos 19 e 20. O museu, que é procurado inclusive por regentes e músicos estrangeiros, precisava ser divulgado entre a população de Mariana e cidades vizinhas. Para isso, o Monumenta apoiou um projeto destinado a formar "multiplicadores", ao qual aderiram professores e alunos do ensino médio e de universidades.

Outro projeto de grande importância foi o Sabores de Mariana. A culinária do município, colocada em segundo plano durante anos, devido a uma série de fatores, corria o risco de perder definitivamente muitas receitas – herança saborosa que vinha sendo passada de geração a geração. Com o projeto, o cardápio tradicional, divulgado por meio de um curso e de uma cartilha distribuída amplamente, já voltou à mesa do cidadão marianense.

**Luiz Fernando de Almeida**

*Coordenador Nacional do Programa Monumenta*

*Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*



# Ações do Programa Monumenta



## Ações do Programa Monumenta

O estopim da corrida ao ouro em Minas Gerais foi aceso no começo da década de 1690. Ninguém sabe onde, quando e quem fez a primeira descoberta. Mas, com certeza, bandeirantes paulistas fundaram o acampamento que deu origem a Mariana em julho de 1696. Esse aglomerado, nas proximidades de grandes depósitos de ouro, viria a ser a primeira cidade, a primeira capital e a primeira localidade de Minas a crescer com planejamento urbano. Mas, em termos gerais, sua trajetória se manteve paralela à de outros sítios mineradores. Após a explosão inicial, seguiu-se um longo período de relativa estagnação econômica. Reiniciada no século passado, hoje a mineração escava depósitos de metais menos nobres, como o ferro. E, a exemplo do acontecido com o ouro, o esgotamento das reservas já se apresenta no horizonte. Mariana procura, então, antecipar-se ao inevitável, buscando novos caminhos na economia. Foi assim que decidiu abrir os braços de uma vez para o turismo, alternativa óbvia em se tratando de município dono de riquíssimo patrimônio histórico.

Porém, no início do milênio, o núcleo onde ficam os principais monumentos estava malcuidado. Para salvaguardar o patrimônio e cativar o turista, que não é indulgente com o desmazelo, Mariana se movimentou no sentido de reparar

edifícios, ruas, praças, e de reavivar tradições. A prefeitura tem realizado obras, mas o ritmo e o alcance das ações aumentaram de forma decisiva a partir de 2004, com a injeção de recursos proporcionada pelo **Programa Monumenta/Iphan** do Ministério da Cultura, resultado de convênio entre o governo federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com cooperação técnica da Unesco. No âmbito do Programa, o orçamento para a cidade é de 11,4 milhões de reais, sendo 8 milhões de verbas do Monumenta e 3,4 milhões referentes à contrapartida do município. No início de 2009, quando apenas parte dos recursos havia sido aplicada nas intervenções em espaços públicos e edificações, os resultados já eram notáveis. Em poucos anos, a fisionomia do centro histórico havia mudado de forma radical, e ele se apresentava remoçado e charmoso.

O patrimônio imaterial não foi esquecido. "Mariana precisava romper com o hábito de esconder coisas atrás da porta", diz a engenheira Fátima de Souza Guido, que coordena as atividades do Monumenta no município. A cidade deveria pesquisar suas muitas manifestações e bens culturais, catalogá-los e divulgá-los. Inclusive entre a própria população. Essa é a melhor forma de valorizar e, portanto, garantir a perenidade das tradições e incentivar o turismo. O Programa, além de promover a restauração de monumentos e



edifícios públicos, imóveis privados, também financia projetos de educação patrimonial e de treinamento de mão de obra, entre outros. Para isso, publica editais periódicos, convocando entidades sem fins lucrativos dispostas a realizar ações específicas, aprovadas de acordo com sua relevância. Uma contrapartida local é necessária, tal como a exigida nos investimentos que são feitos no patrimônio edificado. Mariana foi a cidade que teve o maior número de projetos habilitados. "A prefeitura garantiu a contrapartida em todos, facilitando o processo", comenta a coordenadora.



Mariana com arte



## Mariana com arte

**Formatação e Implementação do Roteiro Turístico Mariana com Arte**, o primeiro projeto a ser aprovado, era uma ideia da arquiteta Janice Nascimento, ex-funcionária do Iphan, já falecida. Ela se inspirou no evento Olinda Arte em Toda Parte, que acontece na cidade pernambucana desde 2001. Janice pretendia organizar roteiros para facilitar o contato dos turistas com os artistas plásticos que vivem em Mariana, promover o associativismo entre eles, divulgar seus trabalhos e orientá-los nos negócios. O projeto foi realizado a partir de março de 2006 pela Gratiae Urbs Consultoria, Promoções e Eventos Ltda. S/C, tendo o advogado Sérgio Lellis Santiago Júnior como coordenador. Nas primeiras reuniões para apresentar e discutir os vários aspectos do Mariana com Arte, o número de artistas presentes oscilou muito, e os organizadores perceberam que havia alto índice de desinformação e falta de união no setor.

"Alteramos o programa para fazer um trabalho de motivação, com o objetivo de unir essas pessoas. Convidamos os artistas para fazer pães, algo totalmente diverso daquilo a que estão habituados. O número de participantes aumentou. Com a mobilização maior, nos preparamos para organizar a primeira semana

de Manoel da Costa Athaíde, em homenagem a esse que foi o maior artista da pintura rococó em Minas Gerais. Durante a semana de Athaíde, lançamos uma revista como instrumento de educação patrimonial, distribuída na comunidade. Os textos foram elaborados com base em pesquisa sobre a arte, em geral, e sobre Athaíde, em particular. A publicação descreve o desenvolvimento dos movimentos artísticos em Mariana até hoje, e contém a biografia de alguns artistas que participaram do projeto. Eles também fizeram uma exposição coletiva na ocasião. Em seguida, voltamos com as consultorias. Mas o pessoal não gostava muito das palestras técnicas sobre cooperativismo e comercialização de produtos. Então, as consultoras passaram a ir aos ateliês e começamos a preparar os roteiros turísticos", conta o coordenador.

Em 2007, a coordenação do projeto aproveitou o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana para repetir o Prato Feito, uma experiência realizada pela Fundação de Artes de Ouro Preto no ano anterior. Orientado por artistas que trabalham com cerâmica, o pessoal de Mariana pintou pratos desse material, que ficaram expostos durante o festival. Na ocasião foi lançado o fôlder contendo os roteiros dos ateliês de Mariana e um site na internet. "A essa altura, quando tudo que havia sido planejado estava pronto, decidimos encerrar o projeto, deixando a questão de formar a entidade associativa por



conta dos interessados. Agora soubemos que os artistas de Mariana tentam se organizar. Isso é ótimo. Todo o material está à disposição deles, inclusive os modelos de estatutos que apresentamos", diz Sérgio Lellis. A coordenadora da UEP acrescenta: "Para promover uma ação integrada de requalificação, a prefeitura realizou diversas obras na rua Dom Silvério. Instalou hidrantes, recuperou o calçamento e o sistema de drenagem pluvial, e construiu redes subterrâneas de energia elétrica e telefonia. A ideia do projeto Mariana com Arte era fazer um grande corredor cultural na rua Dom Silvério. E isso, evidentemente, não está descartado".



Em 2008, as ações patrocinadas pelo Monumenta se intensificaram. O Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) de Ouro Preto teve dois projetos aprovados. **O Patrimônio Cultural de Santa Rita Durão: Conhecer para Cuidar e Divulgar** foi um desdobramento de iniciativa anterior, também patrocinada pelo Monumenta, que descreveu os itens mais importantes do patrimônio desse distrito de Mariana, a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, e produziu uma cartilha de educação patrimonial para o lugar. "Ao realizar esse projeto, descobrimos que a população do distrito conhecia muito pouco a história de Santa Rita e a das igrejas. Nesse segundo trabalho, o objetivo era envolver os moradores para que conhecessem o patrimônio, pois não há como preservar o que a gente não conhece. Queríamos formar agentes educativos para que atuassem na comunidade, de forma permanente e autônoma", explica a professora Lorene Dutra Moreira, coordenadora, especializada em cultura e arte barrocas.

O projeto se desenvolveu ao longo de seis meses, em 2008, com seis horas de aula aos sábados, para um grupo eclético de 30 pessoas. Participaram moradores com nível de escolaridade variado: monitoras de creches, muitas donas de casa, pedreiros, serventes e um líder comunitário, entre outros. "Trabalhamos de forma bem lúdica o tempo todo. Com as modalidades de

patrimônio material e imaterial. Fizemos oficinas e visitas orientadas. Foi um projeto muito bom porque criamos laços afetivos com a população. E moradores que não se conheciam travaram novas relações, por estarem desenvolvendo um projeto juntos, trabalhando em equipe. Santa Rita Durão tem grande número de evangélicos. Vários deles participaram, indo às aulas nas igrejas. Os católicos também visitaram seus templos. Houve esse entrosamento e essa troca", diz Lorene.

Para a "formatura", havia um requisito: a apresentação de projetos para a comunidade. O grupo surpreendeu pelo alcance das propostas, sendo necessária a participação da prefeitura para que sejam efetivadas. Uma delas prevê a revitalização de uma pracinha conhecida como Vira-e-Mexe, coberta de pedras, sem uma única árvore, onde há um parquinho capenga. O projeto inclui o plantio de árvores, a formação de um jardim, a reconstrução do parque infantil e a instalação de mobiliário. A comunidade se oferece para trabalhar em regime de mutirão, cabendo o restante à administração municipal, inclusive as redes de água e luz. Além disso, os santa-ritenses querem uma praça no bairro do Campo, que não tem um ponto de encontro, e está carente de uma área de lazer para as crianças.


Santa Bárbara











A praça seria construída com material reciclado, madeira e bambu.

O nível das demais propostas também é excelente, avalia a coordenadora. Os participantes do projeto lembraram que é necessário sinalizar o distrito, que nem sequer tem placas com os nomes das ruas. Até mesmo o busto do poeta setecentista frei Santa Rita Durão, instalado na praça central, ainda está à espera de uma inscrição explicativa. Os participantes do projeto também gostariam de manter um minimuseu, que abrigaria fotografias e documentos antigos contando a história do distrito, inclusive para conhecimento dos próprios moradores. No mesmo local haveria espaço para uma exposição de artesanato – um atrativo turístico a mais. A última sugestão foi a de organizar uma confraternização dos moradores com os santa-ritenses que vivem fora do distrito, em um dia de atividades culturais, quando haveria exibição de filmes ao ar livre, apresentação de danças, de comidas típicas e de artesanato local.



Lorene Moreira e sua equipe também idealizaram e executaram o segundo projeto do Cefet – **Mariana: a Riqueza de suas Manifestações Culturais**, centrado nas festividades religiosas que foram pesquisadas para a feitura de um livro e de uma obra audiovisual. Ela diz que o grupo ficou surpreso ao constatar que o número de comemorações religiosas em Mariana e distritos era muito maior do que se imaginava. Na sede há alguns eventos de maior relevância. O primeiro é a Festa de Nossa Senhora do Carmo, a padroeira da cidade, em 16 de julho, quando Mariana volta a ser a capital de Minas Gerais. "O governador do estado vem até aqui para fazer essa transferência. Isso acontece em frente à Câmara, que está diante de duas igrejas, um cenário que mistura o profano com o religioso. É uma festa singular, muito interessante, porque além da devoção, o marianense se sente orgulhoso de sua terra, a primeira capital de Minas".

Outra festa homenageia a padroeira da Catedral da Sé, Nossa Senhora da Assunção. As cerimônias são precedidas por novenas ou tríduos em um dos bairros, ponto de partida para uma procissão que termina com missa na catedral. A maior de todas é a Festa de São Roque, santo venerado como protetor contra as doenças e pestes. Existe a crença entre os católicos de que a devoção ao santo impediu a progressão de um surto de varíola em meados


Festa
Festa
Festa
Festa
Festa
Festa

do século 18, que já provocara muitas mortes. Na ocasião, havia um nicho vazio na Igreja de São Francisco, e a irmandade desse templo fez a promessa de reservá-lo para São Roque se ele viesse em socorro da população. Quando o surto terminou, a comunidade trouxe uma imagem da Europa, que foi levada para a igreja com festa e procissão por toda a cidade.

"Na festa temos crianças vestidas de São Roque e pessoas de joelhos acompanhando a procissão. É feita a distribuição de objetos de proteção, de pão de São Roque, de sal-bento para dar ao gado e de água-benta. Flores do andor são guardadas pelas famílias por anos a fio. É uma festa que tem mais de sagrado do que de profano, marcada por intensas demonstrações de fé. A multidão não cabe na igreja e a procissão é suntuosa. Tapetes coloridos cobrem as ruas por onde passa a procissão, e as janelas das casas também são enfeitadas. Várias bandas tocam e a missa é toda em latim", explica Lorene. A Festa de São Francisco de Assis também merece ser citada, embora seja mais restrita à irmandade formada em nome do santo, que faz a chamada "procissão da rasoura" (absolvição na confissão) nos limites do adro da igreja. O traço distintivo mais forte dessa festividade é uma cerimônia simbólica de exéquias, em que é feita uma chamada nominal dos membros da irmandade já falecidos – leva tempo.

Mas foi no distrito de Pombal que a equipe do projeto vivenciou uma experiência realmente inesquecível, segundo Lorene. "O local é diferente de tudo que já vi. Um punhado de casas plantado nas vizinhanças de uma igreja e de uma capela nova, construída pela comunidade, em mutirão. Existe também uma escola grande e muito bonita. À primeira vista, se trata de uma incongruência. Para que construir um prédio daquele tamanho se a população é tão pequena?" Mas o exagero, que é apenas aparente, desaparece assim que o povo começa a chegar para a festa de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira de Pombal. Lorene prossegue: "São muitas as pessoas que convergem para a igreja a pé, vindas de pontos distantes, por trilhas que se estendem por todas as direções. É impressionante. Os afrodescendentes formam 90% da população. Há duas versões para a história do local: que teria sido um quilombo, ou uma grande fazenda ocupada por escravos libertos. Embora não seja possível confirmar qualquer uma delas por falta de documentos, é fato que os moradores são muito parecidos".

E chegam vestidos para um reisado de características únicas. Há um rei e uma rainha, mas todos fazem parte da corte. "O bebezinho de colo tem bico na boca e coroa na cabeça. Na igreja, as pessoas tiram a coroa e a capa, nada suntuosas. Esses adereços não têm brilho nem enfeites. Após





a missa, se realiza a procissão do reinado novo, seguida pela coroação do novo rei e da nova rainha. Eles sabem quem é quem: mordomo, rei e rainha. Para nós é difícil identificá-los porque todos têm roupa igual. Rei e rainha são adolescentes que se preparam para fazer a crisma. Eles recebem as coroas de quem foi crismado no ano anterior. Não há outra festa assim na região". A comunidade de Pombal também tem outra particularidade interessante: "Na véspera do reisado e da missa, realizamos uma oficina de fabricação de rosários com lágrimas-de-nossa-senhora, recuperando uma tradição local. Participaram mães, avós, filhos e netos.

Os pequeninos ajudaram os mais velhos a trabalhar com arame e alicates. Durante as comemorações é que fui entender o papel das crianças na vida comunitária. Em Pombal elas participam em tudo. O que nos garante que a festa será perpetuada", diz Lorene.

Enquanto se desenvolviam os vários projetos culturais, o Monumenta se ocupava também do turismo, financiando a instalação do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) em casarão que restaurara e adequara para essa finalidade, no centro histórico. A criação desse ponto de apoio para os visitantes era essencial, pois, até então, eles vinham recebendo orientação de guias não-qualificados, que lhes repassavam informações nem sempre confiáveis. O centro é dotado de banco de dados informatizado e de equipamentos que permitem ao turista ter acesso à rede mundial de computadores, entre outras comodidades. No princípio de 2009, faltava apenas a contratação de pessoal qualificado, a ser feita pela prefeitura, para o CAT entrar em pleno funcionamento.

As demais ações patrocinadas pelo Programa Monumenta envolveram um número ainda maior de pessoas que residem na sede e nos distritos de Mariana, conforme se verá a seguir.



# Para ver a banda tocar



## Para ver a banda tocar

Nas últimas décadas, Minas Gerais nomeou diversas "capitais". Em geral porque cada uma dessas cidades se especializou em produzir determinado tipo de mercadoria. Existem a capital do pé-de-moleque, a do fumo-de-rolo, a da lingerie, e muitas outras. Mariana poderia reivindicar o título de capital das bandas de música. O município tem 11 corporações musicais – um número incomum. Nove surgiram antes da década de 20 do século passado, e duas apareceram em 2002. A longevidade das mais velhas e o nascimento das irmãs caçulas são evidências de que a tradição musical marianense permanece robusta. Também é reconfortante constatar que as bandas locais não têm tido dificuldade para substituir os músicos veteranos que se retiram: jovens de ambos os sexos já são maioria em seus quadros.

No entanto, até pouco tempo atrás, as sociedades musicais de Mariana exibiam um flanco a descoberto. O da memória. Os documentos de todas elas estavam desorganizados e acondicionados de forma precária. Por causa do descuido, partituras de antigos mestres, que marcaram a trajetória musical de Minas Gerais, poderiam desaparecer, assim como fotografias, atas de reuniões e outros papéis. A primeira a ter a casa em ordem foi a

Sociedade Musical União XV de Novembro, ao completar cem anos, em 2001. Na ocasião, a prefeitura contratou a historiadora Clotildes Avellar Teixeira, especialista em gestão do patrimônio, para organizar o acervo da banda. Nas demais, a situação continuou inalterada até 2008, quando o Programa Monumenta aprovou o projeto **Para Ver a Banda Tocar – Educação Patrimonial em Mariana**, apresentado pela Historiarte Projetos Culturais e Artísticos, em parceria com a prefeitura marianense.

Dessa vez, o ordenamento da documentação era apenas uma das metas. Ficaria a cargo das corporações musicais, que indicariam alguns de seus membros para participar de um curso de arquivística e de conservação de papéis. As ações mais importantes visariam o resgate da história das bandas, para a produção de um videodocumentário e de uma cartilha, a serem usados como instrumentos de educação patrimonial na rede de ensino do município. A nova linha de trabalho se justificava plenamente. Para as bandas de Mariana, a garantia de um futuro sem sobressaltos não depende apenas da facilidade que têm para recompor seus quadros de músicos. Em qualquer lugar, a comunidade é a principal responsável pela manutenção do patrimônio cultural. Se ele for reconhecido e admirado pela população, terá maiores chances de ser preservado. Nesse sentido, é indispensável que a educação comece desde cedo.

A largada do projeto Para Ver a Banda Tocar foi dada no princípio de setembro de 2008, com reunião de representantes das bandas e a equipe responsável, coordenada por Clotildes Teixeira. Nesse encontro ficou definido o calendário de visitas às sedes das corporações musicais para a coleta de documentos, gravação de entrevistas e outras imagens – material para o vídeo e a cartilha de educação patrimonial. Os trabalhos de campo terminaram no final desse mês. Ainda em setembro, no curso dirigido por Ana Paula Malafaia, historiadora e restauradora, dois membros de cada banda aprenderam como fazer pequenos reparos e a cuidar de partituras, fotografias e demais papéis, para que a memória das associações seja preservada. A organização do arquivo da Banda União XV de Novembro foi o modelo adotado. Ao mesmo tempo, a coordenação do projeto e a Secretaria de Educação fizeram os primeiros contatos com as escolas para promover concursos de redação e de desenhos sobre as bandas.

A partir de outubro, foram editados a cartilha e o filme. A cartilha explica o conceito de patrimônio histórico, conta como as bandas surgiram no Brasil e resume a história de cada corporação marianense. Começa pela Sociedade Musical São Caetano, do distrito de Monsenhor Horta, fundada em 1836, e termina com a Sociedade Musical 16 de julho, que começou a tocar em



2002, no aniversário de Mariana. A cartilha apresenta também uma história em quadrinhos, que descreve o nascimento de uma banda hipotética, a partir da descoberta de um antigo instrumento musical por um garoto da cidade, e contém algumas atividades para os alunos. Uma delas foi criada com base em foto de uma banda tocando no adro da Sé, em dia chuvoso. O público, solidário, protegeu-se com guarda-chuvas para não ser obrigado a se dispersar. A cena retratada é simbólica: mostra o apego do povo de Mariana às corporações musicais.

Sob esse aspecto, o documentário também é muito ilustrativo. Além de belas imagens, apresenta depoimentos de músicos veteranos e iniciantes. Eles falam de seu envolvimento com a música e do quanto as bandas são importantes em suas vidas. Principalmente para os que moram nos distritos, onde as oportunidades de lazer são escassas: os locais dos ensaios se transformam em pontos de encontro e de confraternização. O filme começa com uma banda se deslocando do interior do município para tocar na sede. Uma vez que os distritos conservam muito de suas feições coloniais, é como se os músicos viajassem até o presente desde um passado longínquo, pois a tradição não respeita as barreiras impostas pelo tempo. Ao contrário, ela os desafia. Após o desembarque, na subida de

uma ladeira, a banda executa um dobrado, desdenhando a presença de alguns veículos que parecem querer forçá-la a abrir alas. A sequência bem pode representar a resistência da tradição e a vontade dos que desejam perpetuá-la. A exemplo de seu Chiquinho Alfaiate, que toca uma valsa no saxofone para terminar o filme. Músico de muitos instrumentos, seu Chiquinho é "patrimônio" de Mariana. Enquanto costura, ensina crianças e adolescentes. Faz isso há muito tempo: "Quase todos os maestros e músicos das bandas da cidade já passaram por minhas mãos".

Os que conviveram com o mestre na alfaiataria decerto não têm do que se arrepender. Assim como os jovens que agora formam as bandas não têm motivos para se acanhar com o próprio desempenho. Algumas das corporações estão em fase de reorganização, com gente muito nova tocando. O público as aplaude assim mesmo, condescendente e carinhoso: percebe que vencer a falta de apuro técnico é apenas uma questão de tempo para os jovens. A dedicação da meninada não deixa margem a dúvida. Foi o que todos viram no filme, exibido na sede e nos distritos em dezembro, quando a equipe do Para Ver a Banda Tocar também distribuiu as cartilhas para as unidades de ensino. Àquela altura, os vencedores dos concursos de redação e desenho já haviam recebido seus prêmios.

Em alguns distritos, o retorno do pessoal do projeto foi um acontecimento marcante. Como em Furquim, onde a escola, a comunidade e a Sociedade Musical Nossa Senhora da Conceição haviam aderido totalmente ao Para Ver a Banda Tocar. Houve festa na escola com apresentações de alunos cantando a música *A banda*, de Chico Buarque de Holanda. Conforme relata Clotildes Teixeira, "os músicos fizeram uma entrada triunfal na escola, depois de percorrerem as ruas tocando. Tudo isso emoldurado por um pôr do sol maravilhoso. Foi emocionante". O espetáculo se repetiu em Cláudio Manoel, o distrito mais distante de Mariana: o evento de lançamento e distribuição dos produtos do projeto contou com a presença maciça da população no centro comunitário.

A questão dos arquivos também foi levada a sério. A equipe do projeto pôde comprovar que na maior parte das corporações já havia sido iniciada a higienização e organização dos documentos e partituras. Em muitas delas, os músicos que participaram do curso ensinaram as técnicas aprendidas aos colegas, de modo a acelerar o processo. Em dezembro, a Sociedade Musical Santa Cecília, do distrito de Passagem de Mariana, estava na dianteira, com os documentos quase prontos para o arranjo final. O exemplo de Mariana pode ser facilmente imitado em outros municípios. Mas, em algumas



cidades, o que está em jogo é a própria sobrevivência das bandas, que não conseguem renovar seus quadros.

As de Belo Horizonte têm pouca gente com menos de 40 anos, diz Clotildes. "Para formar novos instrumentistas, a solução é envolver as escolas, atrair os alunos, começando por levar as bandas até eles. Mariana é um caso

excepcional por causa da tradição. Lá, todo mundo tem uma relação com as bandas. Isso é muito forte. A prefeitura municipal dá uma subvenção anual para que as sociedades musicais consigam, minimamente, trocar uniformes, consertar instrumentos, pagar as contas de água e de luz das sedes. Em troca, as bandas participam dos diversos eventos no município. Assim, o ouvido da população continua acostumado com as músicas que tocam. E por isso elas estão repletas de meninos e de meninas".

As bandas de Mariana ensinam música gratuitamente para crianças e adolescentes, mas a Sociedade Musical União XV de Novembro foi a primeira a procurar as escolas, já há algum tempo, com o programa A banda vai à escola e a escola vai à banda. "As crianças veem os instrumentos, podem tocá-los. Dali a pouco elas estão aprendendo música em nossa sede", diz Hebe Maria Rola Santos, secretária da banda. "Para mim, as bandas são insubstituíveis na educação musical. Além disso, nas escolinhas que mantêm, as crianças se sociabilizam, se acostumam a viver em grupo. Entre elas acaba surgindo uma irmandade, como resultado das amizades que se criam. Também há disciplina. Tudo isso influi na formação das pessoas". A própria Hebe, que é professora emérita da Universidade Federal de Ouro Preto, foi criada em um ambiente assim, de acordo com a boa tradição



marianense. "Sou de uma família de musicistas. Minha mãe era pianista, e se apresentava em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, quando a cidade era a capital do país. Componho razoavelmente, embora não toque nenhum instrumento. E um dos meus tios foi maestro da União XV de Novembro".

Essa banda se distingue das demais pela origem. Foi criada como instrumento de propaganda das ideias republicanas, em 1901: embora o imperador Pedro II tivesse sido apeado do poder havia uma década, os monarquistas ainda compunham um grupo de certo peso político. A iniciativa de fundar a corporação partiu de Gomes Freire de Andrade, médico, professor e dirigente do Partido Republicano na cidade. Na mesma época surgiu a Banda São José, que no princípio se dedicava mais à participação em festas e ofícios estritamente religiosos, mas que viria a ser uma arquirrival da União XV – cada uma representando uma das facções políticas dominantes em Mariana durante décadas. Em mais de cem anos, a União XV viveu muitas peripécias. As do período 1901-1951 foram narradas com riqueza de detalhes pelo médico Elias Salim Mansur, já falecido.

Uma delas se torna particularmente divertida na prosa altissonante do dr. Mansur: "Das anotações do arquivo do exercício de 1936 consta esta

hedionda ocorrência: 'Em 21 de setembro de 1936, acompanhado de soldados do destacamento policial, o delegado de polícia, servindo aos interesses e injunções de seu mentor tarado [leia-se prefeito municipal], penetrou no salão de ensaios e aí, alteando a voz trêmula, ordenou o encerramento imediato das atividades sob pena de serem fuzilados os presentes'. Conquanto ali se encontrassem homens destemidos, foi acolhida com justificada surpresa a estranha atitude, cujas consequências felizmente não foram as previsíveis, graças à oportuna intervenção pacificadora dos senhores dr. José Muzzi, Olinto Godoy, José de Oliveira Mesquita e da própria esposa do arbitrário beleguim".

No livreto comemorativo do centenário da banda (*Sob o toque da União*), a historiadora Clotildes Teixeira explica que cópias do Manifesto de maio, do líder comunista Luiz Carlos Prestes, foram afixadas em diversos locais de Mariana, em 25 de agosto de 1936, e que membros da banda teriam sido delatados como responsáveis pela distribuição do panfleto, segundo documentos da polícia. Daí a invasão comandada pelo delegado. O pessoal da União XV e seus simpatizantes, como se viu, jamais aceitaram essas explicações da polícia, fornecidas depois de serenados os ânimos: a suposta delação não passaria de trapaça do prefeito, adversário político na época.

Hoje, a banda se define como apartidária e democrática, dedicando-se apenas à música. Afinal, os antigos partidos políticos desapareceram há muito, levando com eles a Banda São José, a velha rival, que não conseguiu subsistir.

Garantir a sobrevivência, naturalmente, é sempre uma questão importante para qualquer associação musical. "A prefeitura concede pequenina subvenção às bandas todos os anos. Mas nós temos sócios, fazemos festas. É com isso que mantemos a entidade. De vez em quando há uma doação de instrumentos pelo Ministério da Cultura ou pela Secretaria Estadual de Cultura", diz a secretária Hebe Rola. A União XV de Novembro vem recebendo doações desde sempre. A mais importante ocorreu em abril de 1914: um casarão na rua Direita, que necessitava de reformas urgentes. Mas demorou para que a banda pudesse transformá-lo em sede. A inauguração se deu em 1932, depois de muitas festas, rifas, quermesses e sessões teatrais, realizadas para levantar o dinheiro necessário para as obras.

A última reforma terminou em 2009. No dia 15 de março, para festejar a reabertura da sede, com várias melhorias, a corporação desfilou em Mariana. Foi um dia especial para Amadeu da Silva, que acompanha a

banda há 65 anos. Primeiro como fã, a partir dos 12 anos, depois como conselheiro e, por fim, como presidente, desde 11 de maio de 1968. Ele conta que, apesar de gostar de música, não conseguiu aprender a tocar qualquer instrumento. "Era arrimo de família. Meu primeiro emprego foi como padeiro. Trabalhava das 22 às 10 horas. Fazia o pão e depois distribuía. Me aposentei em 1981, como funcionário de uma mineradora". E passou a se dedicar exclusivamente à banda. Com 41 anos na presidência



da sociedade, resume em duas palavras o porquê de ser bem-sucedido no cargo: "Sou pidão". Mas ressalva: "É preciso saber pedir, nos momentos certos". E exemplifica com um episódio que revela sua maestria como tático. Foi assim:

Corria o ano de 1993. O gerente da agência do Banco do Brasil em Mariana, simpático à União XV, informou Amadeu de que a Fundação BB poderia ajudar a banda, mas seria preciso apresentar uma série de documentos. "Eram 10 horas quando ele me disse isso. Às 2 da tarde estava tudo pronto, em sua mesa". O processo foi encaminhado para Brasília e depois para Belo Horizonte, onde Amadeu tinha um amigo na fundação. "Levei discos da banda para ele, que logo anunciou a concessão de verba suficiente para 50 uniformes e 30 instrumentos novos. Só que a fundação daria 80% do total. O restante teria de sair da comunidade". Da prefeitura seria melhor. Mas o prefeito não era exatamente um amigo da União XV de Novembro. Por sorte, uma das empresas que operam no município estava completando um grande embarque de minério para a França. E a banda foi convidada para tocar a Marselhesa na solenidade comemorativa, com a presença de um representante do governo francês. Encerrada a apresentação, Amadeu se misturou ao grupo em que estava

o francês e o prefeito, aproveitando a hora e o lugar para dar o bote certeiro: na presença do diplomata e de outras testemunhas, conseguiu do prefeito a promessa de completar a verba doada pela Fundação Banco do Brasil...

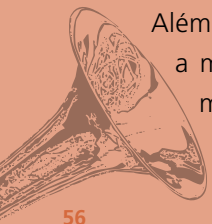
Às vezes, não é preciso exercitar o jogo de cintura e pedir algo de imediato. "Músico gosta muito de passear. Assim, há alguns anos, como sempre convidada, a banda tocou em cidade vizinha, em cerimônia importante na vida de um cidadão nascido ali, e que mais adiante seria eleito deputado estadual. É verdade que também pedi votos para ele, que é nosso amigo. Agradecido, o deputado conseguiu para nós, da Assembléia Legislativa, uma verba de 20 mil reais, com que foi possível comprar 17 instrumentos". No entanto, Amadeu não descuida da comunicação e da apresentação de contas: ao final de cada ano, faz um relatório detalhado das atividades da União XV durante o exercício encerrado, e envia cópias para amigos, políticos e organismos de governo. Mas o veterano presidente também fica atento aos músicos, assumindo o papel de conselheiro, às vezes. "E quando é informado de que alguém da banda precisa, vai atrás de cesta básica, vai pedir emprego, vai olhar tudo. E a gente ajuda", diz a professora Hebe Rola.



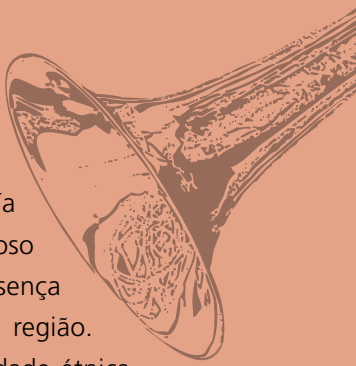
**As bandas através do tempo**

As corporações musicais, tal como as conhecemos hoje, originaram-se no século 19, na época em que ocorreu o aperfeiçoamento dos instrumentos de sopro. Desde então, as associações musicais, em geral, se mantiveram próximas do poder, associadas à figura do rei, do imperador, de uma irmandade religiosa ou de partidos políticos. No Brasil monárquico, as bandas militares eram criadas e sustentadas pelo Estado, e as bandas civis mantidas por irmandades religiosas ou por grandes proprietários rurais. Nas fazendas, os grupos musicais eram formados por escravos. Para os fazendeiros, possuir sua própria banda de música era sinônimo de status e de poder.

Antes disso, ao longo do século 18, diversas irmandades religiosas ofereceram abrigo a músicos, admitindo negros e mulatos que muitas vezes tornaram-se instrumentistas profissionais e mestres. Portanto, foram os ex-escravos, oriundos de formações civis ou militares, na tentativa de se inserir socialmente, aqueles que mais contribuíram com a música mineira, inclusive na formação de bandas.



Além de concorrerem para a fixação de gêneros populares como a polca, a mazurca, o xote, a quadrilha e o maxixe, essas bandas formaram os músicos que pertenceram aos primeiros grupos de chorões, e também



foram elas que interpretaram as primeiras gravações em disco no Brasil.

No século 19, a maioria das vilas ou arraiais mineiros possuía uma banda. Minas Gerais era um estado bastante populoso e de atividade musical muito intensa devido à forte presença religiosa associada à tradição dos grupos musicais da região. Caracterizadas pelo cunho associativo, dado pela identidade étnica e profissional dos seus integrantes, as bandas de música se destacaram também pelos mecanismos de solidariedade desenvolvidos no interior dos grupos. Atuando como corporações reguladas por um estatuto, com objetivos filantrópicos ou assistencialistas, vinculadas à igreja ou a partidos políticos, sempre mantiveram caráter solidário.

Resistentes ao peso da massificação gerada pelo sistema da comunicação no Brasil, as bandas têm sua capacidade de perpetuação atribuída à sensibilidade de seus integrantes para enfrentar dificuldades e desafios, contando com o auxílio de poderosos aliados: igreja, fazendeiros, coronéis, partidos políticos e até o cinema mudo. Os espaços conquistados vão de praças, adros, coretos a cemitérios, parques, campos de futebol, onde são realizadas retretas, marchas, procissões, toques, desfiles e alvoradas. (Texto adaptado de *Sob o toque da União*.)

Museu da Música



## Museu da Música

Dom Oscar de Oliveira, arcebispo de Mariana entre 1960 e 1988, era um homem preocupado em salvaguardar o patrimônio histórico e religioso da arquidiocese. Em 1962, fundou o Museu de Arte Sacra da cidade, um dos mais importantes do país. Para isso reuniu peças espalhadas por instituições da igreja e as que foram recebidas depois em doação. Hoje o acervo tem cerca de dois mil objetos, destacando-se várias obras do Aleijadinho. Em 1965, o arcebispo resolveu criar o Museu da Música, começando por organizar as partituras manuscritas de composições sacras guardadas no Arquivo Eclesiástico do arcebispado, muitas delas preciosidades do barroco mineiro. Pessoas dedicadas e competentes colaboraram nesse trabalho, a começar por dois músicos marianenses, Aníbal Pedro Walter e Vicente Ângelo das Mercês. Dom Oscar também somou ao acervo instrumentos antigos e livros sobre música, inclusive manuais didáticos. Essa primeira fase durou até 1973, quando o museu foi inaugurado oficialmente.

O arcebispo, é claro, sabia que estava apenas no início da caminhada. Tal como as peças do Museu de Arte Sacra, antes dispersas, no território sob sua jurisdição havia tesouros musicais esquecidos. Dom Oscar passou

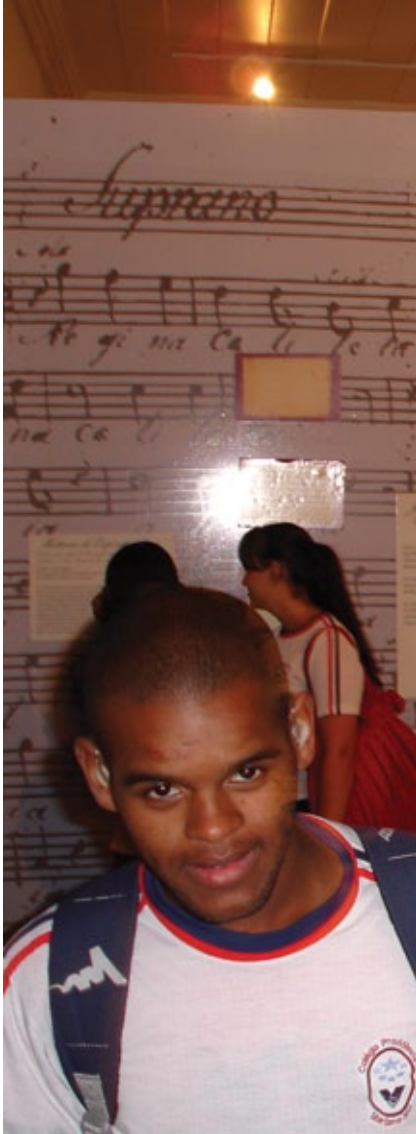
a incentivar as igrejas e particulares a doarem suas coleções ao museu recém-fundado. Foi bem-sucedido. Até meados da década de 1980, vieram partituras manuscritas e impressas de cerca de 30 cidades. Mas o enorme conjunto permaneceu longe das vistas do público por mais 15 anos. Só alguns pesquisadores tiveram acesso a ele no período, mediante entendimentos com a arquidiocese. A abertura começou por volta do ano 2000, quando o MinC aprovou o projeto Acervo da Música Brasileira - Restauração e Difusão de Partituras, apresentado pela Fundarq – Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, gestora dos bens culturais do arcebispado. Entre 2001 e 2003, com patrocínio da Petrobras, por meio da lei de incentivo à cultura, parte importantíssima do acervo, que já estava organizada, foi restaurada, catalogada, descrita e colocada em banco de dados, ficando disponível para consultas, inclusive pela internet.

Em consequência desse trabalho, grandes nomes da música dos séculos 17 e 18, como Emerico Lobo de Mesquita, José Maurício Nunes Garcia e João de Deus de Castro Lobo, tiveram novas composições reveladas. Outros, como Miguel Teodoro Ferreira, Frutuoso de Matos Couto e Manuel Dias de Oliveira, começaram a ter sua memória resgatada, com a identificação da autoria das peças. Ainda no âmbito do projeto, o museu editou nove

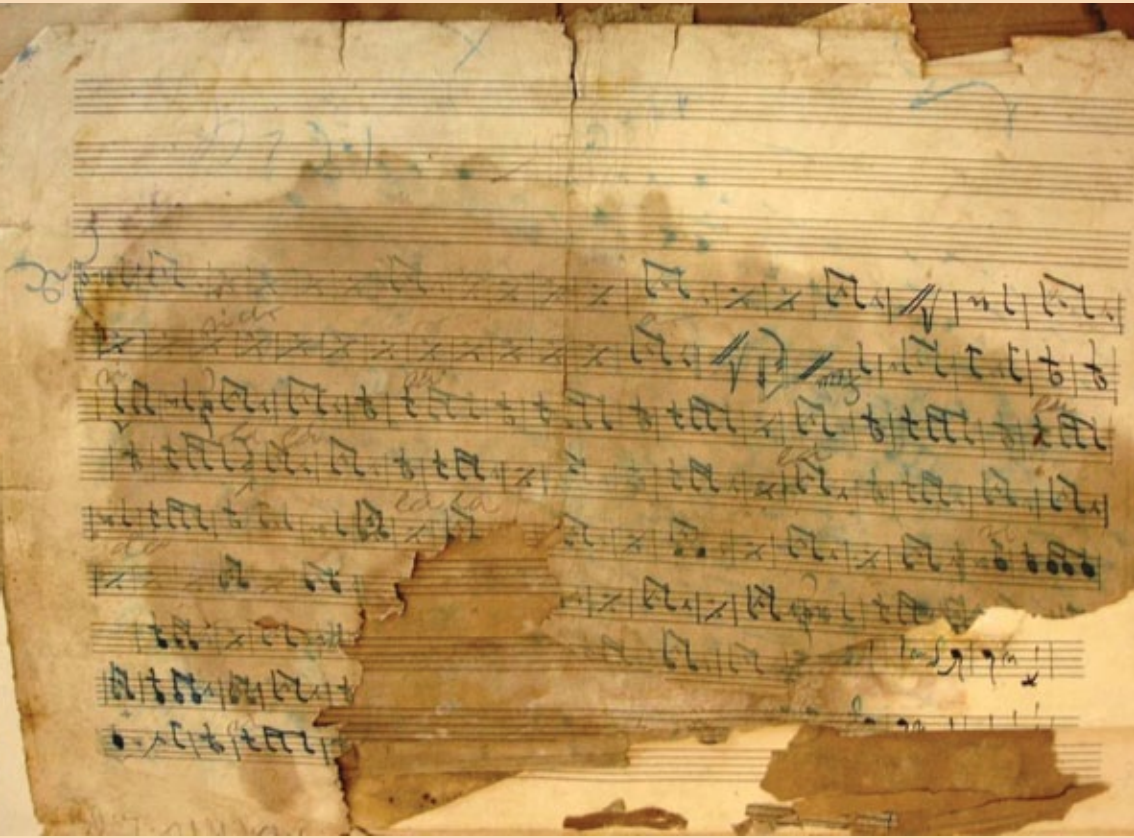
livros de partituras e produziu nove CDs com obras inéditas do acervo. Quatro conjuntos de coros e orquestras do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte participaram das gravações. O esforço realizado deixou a instituição em condições de ser aberta ao público. Mas, antes que isso acontecesse, foi preciso esperar quatro anos, até a conclusão de mais um projeto, também patrocinado pela Petrobras: a restauração do antigo Palácio dos Bispos, que estava em ruínas, para abrigar o acervo. Finalmente, em 16 de julho de 2007, ocorreu a inauguração e a abertura definitiva do museu. Por essa época, ficou patente a necessidade de divulgar a instituição e formar público para a música colonial mineira e brasileira.

"Daí veio a ideia de trazer professores e alunos do ensino médio e de universidades, de Ouro Preto e do município, para conhecer o acervo, ouvir concertos", conta o sociólogo José Eduardo de Castro Liboreiro, assessor da Fundarq. O que foi feito graças ao apoio do Programa Monumenta, financiador do projeto **Educação Patrimonial no Museu da Música de Mariana – Formação de Multiplicadores**. Na fase de preparação, a equipe do museu achou conveniente utilizar no projeto diversas obras do acervo adaptadas para órgão (elas haviam sido escritas para coro e orquestra). Era uma oportunidade de aproveitar o item mais famoso do

patrimônio da instituição, o órgão instalado na Sé de Mariana desde 1753, uma relíquia de valor incalculável. Era, ao mesmo tempo, uma chance de economizar: a contratação de uma orquestra seria muito dispendiosa. "O projeto do Monumenta também nos incentivou a revigorar o coro do seminário de Mariana, desativado havia cerca de 30 anos. Queríamos ter um coro da cidade, capaz de interpretar essas peças. Um grupo vocal que pudéssemos convidar sempre que necessário. Esse foi um resultado muito significativo do projeto. Agora temos um coral com cerca de duas dezenas de cantores que é um veículo de divulgação do repertório de Mariana. E também do repertório do próprio seminário que, até o final dos anos 1960, foi um celeiro de produção musical. Ele tinha orquestra e coro, e um trabalho constante de transcrição de músicas européias", diz Liboreiro.

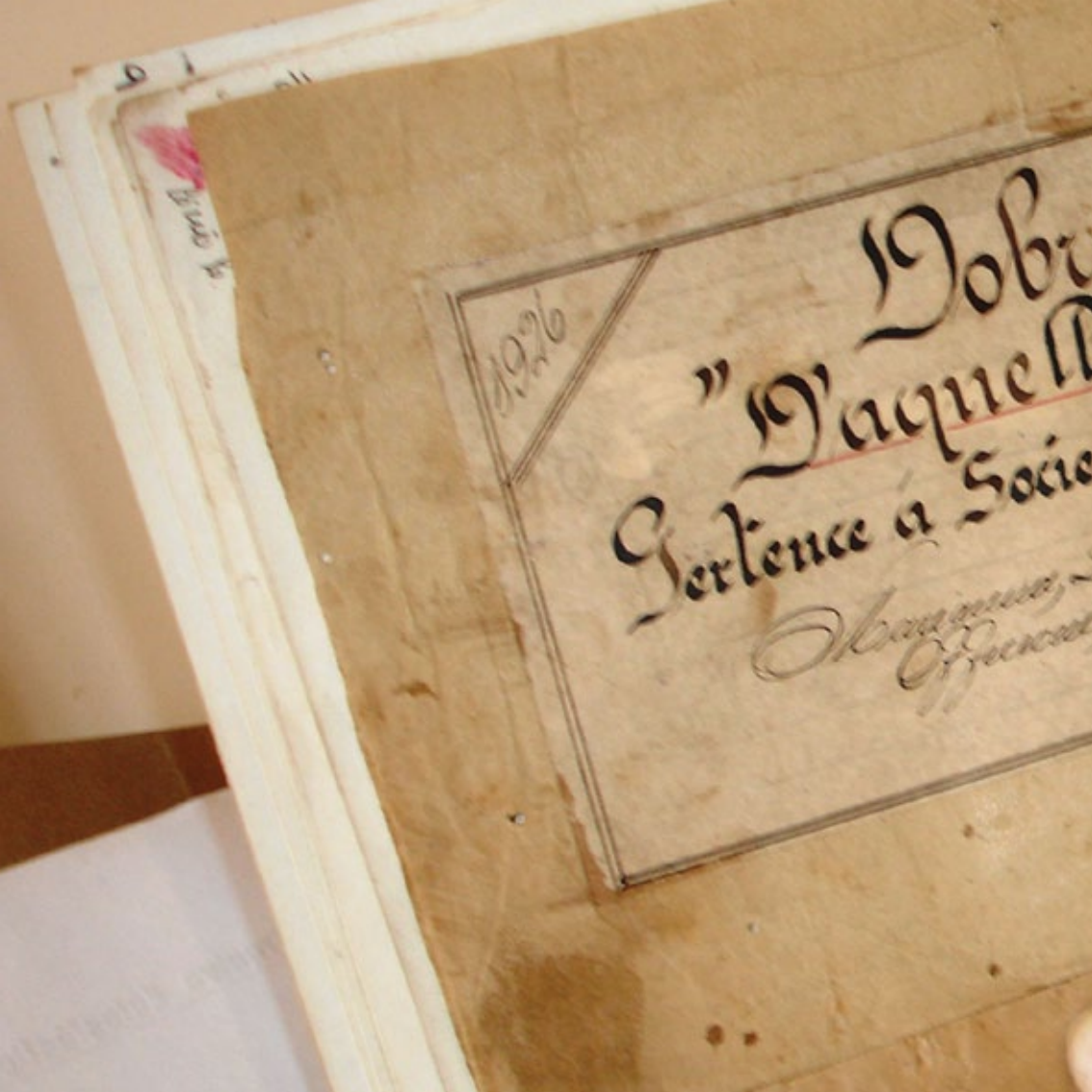






O curso foi planejado de modo a transmitir aos alunos um pouco da história da música, para que pudessem situar o período colonial no contexto mais amplo da época. Cada turma teria oito horas consecutivas de atividades no museu e duas horas de concertos didáticos na catedral. Aulas e concertos também se destinavam a familiarizá-los com um gênero de música muito diferente daqueles a que estão habituados no dia a dia. O desenvolvimento do projeto, entre setembro e dezembro de 2008, se deu de acordo com as expectativas. Houve aulas para oito turmas e outros tantos concertos. O maior número de participantes do curso – 180 pessoas – foi registrado em 26 de novembro. Para José Eduardo Liboreiro, os resultados foram excelentes. "Além de professores e profissionais de outras categorias, tivemos estudantes universitários que estarão ensinando música dentro em breve. Assim como alunos de museologia interessados no assunto. No total, 350 pessoas frequentaram o curso e 400 assistiram aos concertos. Outra conquista muito importante do projeto foi trazer a público um dos repertórios mais ricos da história do Brasil, que estava completamente esquecido".

Em vista desse projeto e demais realizações do museu, pode-se afirmar que o repertório jamais cairá no esquecimento outra vez.


1926



Em sua conformação atual, a instituição está aparelhada para receber o público e atender pesquisadores, contando para isso com uma equipe altamente capacitada. E já atrai a atenção de um número crescente de maestros, de músicos e de cultores da música sacra. Os que não vêm a Mariana costumam recorrer à internet. Desde 2007, quando foi instalado, até o início de 2009, o site já havia sido consultado mais de cem mil vezes. Por meio dele, é possível copiar partituras de uma amostra representativa da produção colonial. Graças a isso, orquestras e corais estrangeiros, principalmente dos EUA e da Rússia, estão executando peças do barroco mineiro.

Mesmo assim, ainda há muito a ser feito no museu. "Já que a música voltou a ser ensinada nas escolas, queremos produzir material para as salas de aula a partir do que temos. Os alunos da região poderão entender a história e vir ao museu para obter mais informações e ouvir música. Entre nossos funcionários, há dois historiadores e dois músicos. E eles já estão incluindo nossas partituras em seu repertório, para apresentações aos grupos de visitantes. Com flauta, saxofone ou teclado. Além do repertório sacro, temos dois outros conjuntos muito grandes de música brasileira, compostas do final do século 19 até a metade do século 20. Um deles contém marchinhas, lundus, polcas etc. A outra coleção,

também de músicas profanas, foi doada pela família de Lavínia Cerqueira de Albuquerque, musicista de Conselheiro Lafaiete. E há um acervo com cerca de três mil manuscritos só para bandas de músicas. Esse, não sabemos o que contém. Iremos catalogar e descrever as peças ao longo de 2009. Pretendemos editar músicas profanas no futuro, valsas, dobrados e outras. Mas essa é uma tarefa para várias gerações".

Embora o volume de trabalho a realizar seja imenso, e mesmo não havendo muito espaço disponível, o Museu da Música voltou a aceitar doações de documentos musicais depois de vários anos. Com restrições: os acervos devem ser considerados de importância para a história da música e para o patrimônio cultural brasileiro, devendo passar por uma avaliação. Em princípio, não existem restrições quanto ao tipo de documento ou à data de sua produção, embora o foco do Museu seja, preferencialmente, a salvaguarda de fontes musicais manuscritas dos séculos 18 a 20. Para as bandas de música, a instituição pretende desenvolver um projeto com a Secretaria Estadual de Cultura. A ideia é manter as partituras em seus locais de origem, sob os cuidados de pessoas que serão treinadas para arquivá-las e mantê-las em boas condições. Esses acervos, catalogados, poderão ficar vinculados ao site do museu.



## Presente de rei



O órgão da Sé, item extremamente valioso do patrimônio de Mariana, tem uma história longa e fascinante, ligada, ainda que de forma tênue, ao primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha. Em 1552, D. Sardinha escreveu ao rei de Portugal, D. João III: "Não se esqueça Vossa Alteza de mandar cá uns órgãos, porque este gentio é amigo de novidades e muito mais se há de mover por ver um relógio e tanger órgãos que por pregações e admoestações". O gosto novidadeiro do gentio também se estendia aos ingredientes culinários, como o próprio D. Sardinha descobriria mais adiante, em seu encontro fatídico com indígenas do litoral de Alagoas.

O bispo, arguto, também acertou ao escrever para o monarca. Dom João III, além de pio, era presenteador por hábito de família. Em 1551, dera o elefante Salomão ao futuro imperador da Áustria, Maximiliano II. Ele repetiu o gesto do venturoso D. Manuel I, seu pai, que brindara o papa Leão X com Annone, um elefante albino, em 1515. Grandes paquidermes eram raridades na época, por ser dificílimo transportar animais de grande porte até a Europa. Portanto, para o rei, doar "uns órgãos" não seria problema.

Portugal já os produzia com apuro. Há evidências de que o pedido do bispo foi atendido com presteza, pois logo as igrejas brasileiras começaram a receber os instrumentos, o que de certa forma estabelecia uma tradição.

Nessa linha, quase 200 anos depois, D. João V comprou o órgão para Mariana. O presente chegou em 1752, e foi entronizado na Sé em 1753, em varanda construída por Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho. Dali, os sons majestosos do instrumento exaltaram o espírito de gerações de fiéis até o início do século 20. Então, o órgão emudeceu, ficando assim por várias décadas. E só voltou a funcionar quando entrou em cena o incansável D. Oscar de Oliveira. Em 1977, o arcebispo cuidou de despachá-lo para Hamburgo, na Alemanha, onde foi restaurado por empresa especializada. Mas os reparos não lhe restituíram as características originais. Por isso, nova intervenção seria realizada na Suíça, na década de 1990. Hoje, em perfeito estado, o órgão é considerado de primeiríssima linha por organistas e conhecedores.

Só não há unanimidade de opiniões quanto à origem e sobre quem foi o construtor da peça. Uma corrente se aferra à ideia de que se trata de instrumento de 1701, saído da oficina de Arp Schnitiger, artesão famoso

de Hamburgo, embora não tenham sido encontrados documentos que possam comprovar essa tese. Outros afirmam que o órgão é obra de Johann Heinrich Hulenkampf, discípulo de Schnitiger. Hulenkampf teria construído o órgão no ano de 1723, em Portugal, onde morou durante algum tempo. A despeito da controvérsia, em matéria de presentes Mariana ficou em situação vantajosa ante o imperador Maximiliano II, da Áustria: o bramar do pobre Salomão cessou para sempre apenas dois anos depois de sua chegada a Viena. E o órgão, com teclas recobertas de marfim, ainda poderá ser ouvido pelos séculos afora.



# Os sabores de Mariana



## Os sabores de Mariana

A sala é o compartimento mais importante das moradias, segundo a definição corrente. Pode ser, mas não para os mineiros nascidos há cinquenta anos ou mais, antes que televisões e aparelhos de som chegassem para disputar a atenção das pessoas. Os mineiros mais velhos gostam mesmo daquilo que para eles é o centro da vida familiar – a cozinha. Quanto maior ela for, melhor. Assim poderá acomodar os mantimentos, os trens necessários aos afazeres de forno e fogão, e a mesa grande, onde sempre haverá lugar para os íntimos. Por isso, ao ser chamado para trocar a relativa frieza da sala de estar pelo calor da cozinha, convém ao visitante saber que se trata de um convite à amizade. Essa sutileza da diplomacia doméstica ainda pode ser presenciada em residências onde familiares e amigos caibam na cozinha. Existem muitas delas em Mariana. Por lá também é possível encontrar casas onde o fogão a lenha nunca se apaga de vez, e onde a mesa, guarnecida de alimentos, fica à disposição de quem aparecer.

No entanto, antigamente, e por muito tempo, Mariana foi alvo de zombaria nos arredores, enquanto suposta "capital dos gaveteiros". Aquela gente de folclórica sovinice que esconderia comida em gavetas, sob o tampo das

mesas, ao primeiro sinal de que visitas se aproximavam. Até os pobres de Mariana magoavam-se com o apelido. Bobagem. Mesa com gavetas? Só se fosse em casas de abastados. Depois, a mesquinhez está em toda parte, e não é de hoje. Sem contar que na fase colonial a maioria da população mineira não tinha muito a oferecer, pois dispunha apenas de poucos pratos à base de milho, e a região dos garimpos atravessou períodos de escassez e de fome. Atualmente, poucos se lembram dos lendários "gaveteiros". E em Mariana, hospitaleira, é possível encontrar rica variedade de doces, salgados e quitandas – produtos de receitas acumuladas no decorrer de muitas gerações.

Era um patrimônio que não estava sendo valorizado. O que é compreensível, por vários motivos. A população aumentou com a chegada de pessoas vindas de outras partes do país, trazendo hábitos alimentares diferentes. Depois, existe a forte pressão da propaganda de alimentos industrializados e o apelo do *fast-food*, além da concorrência das padarias e docerias. Como muitas donas de casa entraram no mercado de trabalho, ficando com pouco tempo disponível para o lazer e as tarefas domésticas, aderiram às facilidades modernas, deixando os velhos pratos em banho-maria. Outras engavetaram os cadernos de receitas que herdaram de suas mães ou avós,

preocupadas com as aparências: não seria de bom-tom servir relíquias da culinária local, como um "fubá suado"; um cuscuz de rapadura, queijo e farinha de milho; ou um cozido de "umbigo" de bananeira.

Nessas circunstâncias, a cozinha marianense tradicional corria o risco de aprofundar-se no limbo e de perder itens preciosos do cardápio. Para resgatá-la, a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Mariana realizou o projeto **Sabores de Mariana**, apoiada pelo Programa Monumenta e pela prefeitura. A equipe do projeto era formada pela produtora cultural Vânia Maria Marinho Quintão, como coordenadora técnica, pelas pesquisadoras Dalva Pereira, jornalista, e Margareth Veisac Marton, historiadora, e pelo nutricionista Marcelo Sampaio Castro. O grupo cumpriu sua agenda entre julho e novembro de 2008. Na primeira fase, dedicada a pesquisas históricas e a entrevistas com moradores da sede e dos distritos do município, foram ouvidas 49 pessoas e obtidas 181 receitas, além de 22 chás medicinais.

Os pratos citados com maior frequência passaram a ser considerados típicos da região. A pesquisa mostrou que a simplicidade das preparações e o aproveitamento de alimentos são características da culinária local, cujos pratos sofreram poucas variações a partir do século 18. Excluídos alguns

ingredientes dos tempos atuais, o arroz, o feijão, o angu, as verduras e as carnes seguem compondo o trivial da mesa marianense. Também houve alguma influência da cozinha de outros países, com a apropriação de receitas ensinadas por imigrantes, na primeira metade do século 20. A queca (de cake, em inglês); o nhoque e o macarrão, de origem italiana; e o charuto, prato árabe, são alguns exemplos da contribuição estrangeira.

Após a realização das pesquisas históricas e das entrevistas, os organizadores promoveram um curso para ensinar o preparo de algumas receitas típicas: amêndoas de coroação, cuscuz, cobu, fubá suado, comidas com lobrobrô (ora-pro-nóbis) e duas sobremesas de Natal – o pão dourado e a caçarola italiana. A seleção dos pratos se baseou na importância histórica e cultural de cada um. As amêndoas de coroação, por exemplo, guloseima feita com amendoim torrado coberto com calda de açúcar que se cristaliza ao esfriar, foram distribuídas às crianças em festividades da igreja católica durante séculos. No entanto, em passado recente, começaram a ser substituídas por pacotes de balas industrializadas. Como o curso despertou grande interesse, e dezenas de pessoas aprenderam a técnica de preparo, a tradição das amêndoas, reavivada, com certeza terá futuro garantido em Mariana.




Sabores de mariana
caderno de receitas
OFICINAS
14h às 17h
Restaurante Coginha Real
20/10

Enquanto se desenvolvia o curso de culinária, a equipe do projeto se preparava para a última etapa do Sabores de Mariana, selecionando 30 receitas que seriam publicadas em caderno especial. A escolha obedeceu a alguns critérios. Contaram pontos, por exemplo, as referências aos pratos feitas pelos entrevistados e também o risco de desaparecimento que ameaçava alguns. Na cerimônia de encerramento do projeto, outras 30 receitas foram apresentadas ao público em *banners*, com os nomes de quem as repassou. Essa decisão se deveu à grande quantidade de contribuições das pessoas entrevistadas e à importância desses pratos, aferida pelo número de vezes em que foram citados, ou pela frequência com que aparecem nas mesas marianenses.

Para a festa de encerramento do Sabores de Mariana, com direito a banda de música, eram esperadas 200 pessoas. Compareceram 300. Houve entrega de certificados aos participantes do curso de culinária, e os convidados puderam experimentar os pratos cujas receitas foram publicadas, inclusive as dos *banners*, seguindo-se um coquetel. Ao terminar a festa, todos ganharam um cartucho de amêndoas, símbolo do reencontro de Mariana com suas tradições culinárias, e um exemplar do caderno de receitas. Naquele dia, as idealizadoras do projeto, Dalva Pereira e Margareth Veisac

Marton fecharam, também de forma simbólica, um ciclo de pesquisas sobre a cidade, iniciado em princípios da década de 1990. Na época, ambas participaram de um grupo que fez uma radiografia cultural do município, quando a expressão "patrimônio imaterial" era virtualmente desconhecida (ao menos na cidade e no entorno).

Por conta desse projeto, chamado Viver Mariana, o grupo percorreu a sede e a maioria dos distritos do município, coletando informações sobre os costumes locais, falando com músicos das bandas e outras personagens, como as benzedeiras, e identificando pontos de atração turística. Desde o princípio a culinária chamou a atenção de Dalva e Margareth. Elas se convenceram de que ali estava um filão a ser explorado. Não apenas pela grande quantidade de receitas disponíveis, mas também pelo contexto cultural. Além do fato de que a mesa liga afetivamente gerações sucessivas. Para as famílias, determinados pratos sempre estão relacionados com alguém. Consumi-los significa lembrar de antepassados ou de parentes que moram longe. As pesquisadoras também tinham a tranquila convicção de que seriam bem recebidas pelos entrevistados. E de que esses contatos seriam gratificantes para todos.

E tinham toda a razão. A pesquisa, que por vezes virou "maratona gastronômica", revelou personagens e histórias cativantes. Dona Celeste Stella Pontes (dona Iaiá), nascida em 1915, foi uma delas. A permanência de Dalva e Margareth na sala de visitas de dona Iaiá durou muito pouco. É o que acontece ali com outras pessoas, se o assunto é culinária: a anfitriã se apressa em conduzir os recém-chegados até seu território predileto – a cozinha, com fogão a lenha, mesa e cadeiras. As prateleiras repletas de panelas bem areadas informam que a casa está equipada para receber a família inteira a qualquer momento. Dona Iaiá serve um cafezinho com o pó que ela mesma torra e mói, acompanhado de quitandas. Então, na quietude de Cláudio Manoel, um dos distritos mais distantes de Mariana, aceita falar de sua longa existência, lembrando com serenidade de momentos difíceis e do estorvo representado pelos antigos costumes da sociedade patriarcal. Depois mostra alguns de seus guardados, como os cadernos onde escreve memórias, intercalando citações de escritores e pensadores famosos. Além de ser muito lúcida, tem caligrafia bela e segura.

Em outros cadernos estão as suas muitas receitas, que dão gosto particular às festas familiares. Uma tradição que ela e o marido, Cândido José de Souza, prezavam muito. Cândido, já falecido, com quem se casou em 1935,



gostava de comemorar o batizado de cada filho como se fosse casamento de rico. Havia comida, bebida e bailes durante uma semana, ela conta. Dona Iaiá continua a mimar seus descendentes e os parentes por afinidade, preparando licores, quitandas e pratos diversos para agradar a cada um. Dalva e Margareth foram brindadas com a caçarola italiana e outras guloseimas. E a receita da caçarola foi incluída no caderno do projeto, com informações sobre dona Iaiá, que se sentiu estimulada a ir à festa de encerramento do projeto Sabores de Mariana, apesar de ter sido uma noite chuvosa. Ao chegar, viu exposta uma foto ampliada de sua cozinha: "Gostei muito. Parecia uma dessas imagens que aparecem em novelas. E o projeto foi muito importante por trazer essas receitas (conhecimentos) para as novas gerações".

No distrito de Camargos, as pesquisadoras entrevistaram Maria Isabel Diniz da Silva, na Fazenda da Palha, que fica às margens da Estrada Real, a 13 quilômetros de Mariana. Dona Tita, como é conhecida, aprendeu a cozinhar a partir dos seis anos de idade, e também está acostumada com muita gente gulosa nas proximidades do fogão, a mirar panelas repletas de quitutes. No mais das vezes os visitantes são parentes, que vêm nos finais de semana.

Mesas sobressalentes ficam dispostas para recebê-los no quintal, ao lado da porta da cozinha, a verdadeira entrada da casa. Ali, com o auxílio de mulheres da família, dona Tita mantém bem vivos os pratos tradicionais. Um deles tem o palmito de banana (o umbigo da bananeira) como um dos principais ingredientes. Segundo Margareth e Dalva, esse cozido provavelmente foi inventado em algum período de escassez de alimentos. Hoje, ele é muito mais substancioso: a receita publicada pelo Sabores de Mariana recomenda cozinhar o palmito refogado com algum tipo de carne.

Outra guardiã zelosa da culinária marianense é Josefina Augusta Gonçalves, dona Lelé, que reside na Fazenda Santa Fé. O local, de difícil acesso, pertence ao subdistrito de Constantino. Como as entrevistas já haviam sido encerradas na localidade, dona Lelé, aos 73 anos, só foi ouvida pelas pesquisadoras devido à insistência de uma nora: "Ela é a cara do projeto". Era mesmo. Madrugadora, antes das cinco horas já está com o fogão a lenha aceso. Depois de servir o café ao marido e aos empregados da fazenda, prepara algumas de suas especialidades para vender nas vizinhanças e complementar a renda da aposentadoria. Para as compras,



vai a cavalo até o ponto de ônibus mais próximo. De sua extensa lista de receitas, foram publicadas a do cobu ou pau a pique, uma broa de milho assada em folha de bananeira, e a da brevidade de rapadura. Graças à divulgação do projeto, dona Lelé apareceu em telejornal, apresentando a arte de fazer o cobu.

Como foi um programa em cadeia nacional, centenas de pessoas, do Brasil e do exterior, logo enviaram mensagens pela internet à equipe do projeto, pedindo informações e exemplares do caderno de receitas. Essa demanda e a projeção do nome de Mariana deram grande satisfação a todos os envolvidos. Contudo, o mais importante foram os resultados alcançados intramuros, segundo a avaliação da coordenadora técnica do projeto, Vânia Quintão: "Pessoas simples, que não se viam como atoras no contexto social da cidade, de repente passaram a ser protagonistas de um projeto, de uma história. Foi importante ver que estavam sendo reconhecidas. Agora elas sabem que fazem algo relevante do ponto de vista cultural e econômico, pois os alimentos que preparam podem servir à geração de renda. Foi gratificante vê-las recebendo certificados de que participaram do projeto, e também o caderno de receitas que traz seus nomes. O que reforça o sentimento de que Mariana também lhes pertence".

Para a marianense Hebe Maria Rola Santos, o projeto teve o poder de sacudir uma população que andava meio desencantada, aumentando sua autoestima. A veterana professora trabalhou com Dalva Pereira e Margareth Marton, suas ex-alunas, no projeto Viver Mariana, realizado nos anos 90, e as estimulou a ir adiante com o Sabores de Mariana, do qual participou informalmente, dando sugestões e informações. Também assistiu as aulas de culinária, que ficaram a cargo do nutricionista Marcelo Sampaio Castro. "As pessoas vivenciaram aquilo com prazer. E como comiam os produtos! Havia a algazarra das pessoas ao pé do fogão a lenha. Toda oficina parecia um dia de festa familiar. Eu ia como convidada. O ambiente era de cooperação. E todos saíam das aulas planejando as próximas refeições. Com o Marcelo, a gente descobre que didática não se aprende na escola".

Marcelo, que é um mestre da cozinha mineira, levou para as aulas seu bom humor e muita experiência, criando empadinha e pão de lobrobrô especialmente para o curso. Também inovou o método de preparo das amêndoas de coroação: ensinou a turma a usar um recipiente de plástico para agitar os grãos de amendoim, enquanto outra pessoa derrama a calda de açúcar, devidamente temperada com cravo, canela e erva-doce. Dessa forma, eliminou o processo antigo, que obrigava as doceiras a cobrir os

dedos com cascas de pinhão ao misturar e resfriar constantemente a massa, condição necessária para a cristalização do açúcar. Sua experiência vem do berço. Literalmente. Ele e os sete irmãos foram obrigados a aprender a cozinhar desde cedo. Exigência da mãe, que não podia alimentar e tomar conta sozinha do bando de meninos. A aprendizagem foi facilitada porque na propriedade da família havia todos os bons ingredientes do cardápio mineiro. A matriarca da família ainda mora lá, na Fazenda das Maravilhas. Marcelo é o único dos irmãos que se dedica à cozinha profissionalmente: tem um serviço de bufê e já oferece alguns pratos tradicionais em recepções e outras oportunidades.

Espera-se que os restaurantes, hotéis e pousadas de Mariana comecem a fazer o mesmo, em escala crescente, com o objetivo de garantir a sobrevivência das tradições e tornar a culinária local uma atração turística. Para isso, o caderno de receitas está ao alcance de praticamente toda a população: três mil exemplares foram distribuídos entre pessoas da comunidade e doados a cerca de 120 entidades. É possível que surjam novas edições. A Associação Comercial e a prefeitura estão interessadas em transformar o caderno em suvenir. Os marianenses também. Assim terão com que presentear amigos e familiares.

# Investimentos nas Ações Concorrentes do Programa Monumenta em Mariana

**Projeto**
Formatação e Implementação do Roteiro Turístico Temático Mariana com Arte

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Gratiae Urbs Consultoria, Promoções e Eventos

**Objetivo**
Elaborar e implementar roteiro turístico sobre a produção das artes plásticas em Mariana na contemporaneidade por meio de estudos e pesquisas sobre as relações entre a produção artística ao longo da história e a atual, promovendo a capacitação dos artistas para o gerenciamento do seu negócio.

**Atividades**
Qualificação das artes plásticas produzidas atualmente em Mariana e divulgação dessa produção através de um roteiro turístico;
Promoção de evento de lançamento do roteiro que favoreça a integração entre os artistas, a população e os turistas;
Capacitação dos artistas plásticos atuantes em Mariana para a gestão de seu negócio e produção de material didático fornecendo subsídios para a informação da população e dos visitantes sobre a produção artística local;
Promoção da associação desses artistas, visando maximizar a comercialização dos produtos.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 102.400,00 | R$ 47.600,00 | R$ 150.000,00 |

**Período de execução**
20/03/2006 a 01/07/2007

**Projeto**
O Patrimônio Cultural de Santa Rita Durão: Conhecer para Cuidar e Preservar

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Fundação Centro Federal de Ensino Tecnológico – Cefet/OP

**Objetivo**
Realizar curso de capacitação de agentes educativos para qualificar 30 representantes da comunidade como multiplicadores do conhecimento sobre o patrimônio cultural de Santa Rita Durão, vinculado à Igreja de N. S. do Rosário e à Igreja Matriz de N. S. de Nazaré.

**Atividades**
Definição do suporte teórico-conceitual para o Curso de Capacitação de Agentes Educativos;
Definição de critérios para a seleção de candidatos e para a concessão de bolsa de participação e avaliação de desempenho;
Produção de material de apoio às ações educativas do projeto;
Realização de reuniões de sensibilização da comunidade para o desenvolvimento do projeto;
Realização de campanhas de conscientização da comunidade sobre o patrimônio cultural de Santa Rita Durão.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 47.565,00 | R$ 43.900,00 | R$ 91.465,00 |

**Período de execução**
15/07/2008 a 26/01/2009

**Projeto**
Conhecendo o Patrimônio Arquitetônico e Cultural de Santa Rita Durão

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Fundação Centro Federal de Ensino Tecnológico – Cefet/OP

**Objetivo**
Elaborar material para divulgação do patrimônio cultural e histórico-arquitetônico da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, bem como promover a atividade turística economicamente sustentável na região.

**Atividades**
Pesquisa historiográfica sobre as igrejas, sua arquitetura e acervo artístico, e publicação de livro contendo a síntese desse trabalho;
Produção de cartilha de educação patrimonial, de calendário de eventos culturais e religiosos e de vídeo para a divulgação e promoção das possibilidades de turismo e cultura do município;
Inventário do acervo cultural decorrente das atividades religiosas ligadas às igrejas, além da criação, produção e impressão de material informativo a ser usado na divulgação desse patrimônio cultural, material e imaterial;
Distribuição do material elaborado para a Prefeitura Municipal de Mariana e para as agências de turismo do município.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 104.848,94 | R$ 45.032,39 | R$ 149.881,33 |

**Período de execução**
27/07/2006 a 01/05/2007

**Projeto**
Mariana: a Riqueza de suas Manifestações Culturais

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Fundação Centro Federal de Ensino Tecnológico – Cefet/OP

**Objetivo**
Realizar pesquisa histórica sobre as festas religiosas do município e seus distritos, consolidando os resultados na publicação de um livro e na produção de um videodocumentário e de um calendário de eventos.

**Atividades**
Levantamento das festas culturais do município de Mariana;
Identificação dos santos homenageados nas festas religiosas de Mariana e seus distritos;
Pesquisa histórica e iconográfica dos santos homenageados;
Identificação e estudo das práticas populares, verificando as etapas de planejamento, preparação e realização das referidas festas;
Valorização e aprimoramento das etapas de planejamento e preparação das festas por meio de oficinas com a comunidade;
Registro dos resultados alcançados com o projeto em livro, videodocumentário e calendário de eventos.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 86.200,00 | R$ 116.250,00 | R$ 202.450,00 |

**Período de execução**
15/07/2008 a 16/02/2009

**Projeto**
Para Ver a Banda Tocar – Educação Patrimonial em Mariana

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Historiarte Projetos Culturais e Artísticos

**Objetivo**
Produzir um videodocumentário com duração de 30 minutos e uma publicação acerca da memória das 11 corporações civis musicais da cidade, para serem utilizados como instrumentos de educação patrimonial junto à rede de ensino médio e fundamental do município, dentro da metodologia específica criada pela equipe técnica.

**Atividades**
Registro da memória das corporações musicais de Mariana;
Organização dos acervos de documentos e criação dos arquivos de cada uma das bandas da cidade;
Produção de material para o trabalho de educação patrimonial em parceria com as escolas;
Promoção de uma parceria permanente entre as escolas e as bandas, no sentido de garantir a continuidade desse trabalho;
Valorização do patrimônio cultural imaterial na comunidade local;
Realização de estudos mais aprofundados sobre a história da música, etnomusicologia e até mesmo das relações sociais, a partir da organização dos acervos e criação dos arquivos.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 87.600,00 | R$ 54.000,00 | R$ 141.600,00 |

**Período de execução**
15/07/2008 a 12/12/2008

**Projeto**
Educação Patrimonial no Museu da Música de Mariana – Formação de Multiplicadores

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana - Fundarq

**Objetivo**
Realizar sessões de educação patrimonial (cursos e visitas guiadas) para introdução à musica colonial brasileira, com dez horas de duração para aproximadamente 350 participantes, bem como realizar concertos com obras do acervo do Museu da Música de Mariana para um público estimado em 1.050 pessoas.

**Atividades**
Conservação e difusão do importante acervo de manuscritos e partituras sob guarda do Museu da Música de Mariana;
Qualificação dos professores da rede pública visando orientar seus alunos para a participação nos Concertos Didáticos, projeto de educação musical promovido pela Fundarq;
Formação de público para a música colonial mineira e brasileira e para a música barroca, com alvo preferencial em profissionais multiplicadores;
Difusão do acervo do Museu da Música junto a um público com potencial para ampliar a divulgação desse valioso patrimônio cultural;
Consolidação do Museu da Música e de seu acervo de partituras e instrumentos, atividades de extensão, exposições, oficinas, concertos,etc.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 45.800,00 | R$ 24.690,00 | R$ 70.490,00 |

**Período de execução**
15/07/2008 a 12/12/2008

**Projeto**
Sabores de Mariana

**Financiador**
Programa Monumenta/MinC/Unesco

**Realizador**
Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Mariana

**Objetivo**
Pesquisar, registrar, preservar e divulgar a culinária marianense, por meio de fontes documentais e orais, de oficinas de culinária e da publicação de um caderno de receitas.

**Atividades**
Pesquisa em fontes bibliográficas, documentais e orais sobre os hábitos e receitas culinárias tradicionalmente preparadas pelos habitantes do município no seu cotidiano e nas ocasiões festivas;
Organização de oficinas para o preparo das receitas selecionadas;
Registro das várias formas de fazer uma mesma receita;
Estímulo à participação dos moradores da cidade, em todas as etapas do projeto, por meio de ampla divulgação na imprensa local, cartazes, outdoors e outros meios de divulgação;
Edição de um Caderno de Receitas.

**Valor**

| Monumenta | Contrapartida | TOTAL |
|---|---|---|
| R$ 66.827,00 | R$ 39.354,30 | R$ 106.181,30 |

**Período de execução**
15/07/2008 a 12/12/2008





Banco Interamericano
de Desenvolvimento



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação
da UNESCO
no Brasil

MONUMENTA




Ministério
da Cultura




GOVERNO FEDERAL